Em meio ao dinamismo urbano de São Paulo, Cho apresenta e desperta reflexões sobre o efêmero e o descartável em suas obras, encontrando na própria trajetória de vida a inspiração para seu processo de criação. Descendente de uma família de imigrantes coreanos, o artista cresceu no bairro da Liberdade, na capital paulista, e atualmente está cursando bacharelado e licenciatura em artes visuais na Unesp. Aos 28 anos, também atua como pesquisador no Grupo de Pesquisa em Arte, Ciência e Tecnologia (GIIP), além de ser designer gráfico, monitor e educador.

A experiência no trabalho formal, com uma abordagem influenciada pelo período em que trabalhou como operadora de caixa no bairro da Liberdade, despertou sua sensibilidade sobre a jornada de trabalho e a vivência na cidade: uma temática forte em suas manifestações artísticas. Inspirado pela temática consumista do trabalho, a série mais conhecida de Cho utiliza cupons fiscais como suportes poéticos e conceituais, criando códigos, datas e descrições, sobrepondo fotografias com textos e aplicando substâncias que desgastam e modificam o papel termossensível. Reforçando a temática consumista do trabalho, cada obra, no entanto, corre o risco de ser descartada em alguns meses, assim como os próprios cupons, já que o papel é produzido para ter pouca durabilidade de pigmento.

Outras abordagens presentes nas obras são os povos migratórios e as questões identitárias. Na arte Perigo amarelo, que é destaque nesta edição da MAJ, Cho deitou-se sobre tiras de papel termossensível e recebeu borrifadas de álcool 70% sobre a pele, demarcando a própria silhueta no papel amarelado. Utilizando o corpo como suporte para a expressão artística, a obra faz referência ao alerta do século XIX sobre uma suposta ameaça asiática à soberania branca, uma narrativa ainda presente hoje, principalmente após a pandemia de covid-19, com registro dos primeiros casos da doença em Wuhan, na China.

O trabalho critica a tentativa de “higienização” da etnia amarela, simbolizada pelo papel térmico, e explora o conceito de invisibilidade e apagamento das narrativas e culturas, que acabam resistindo e sobrevivendo pelo esforço da memória ou da reprodução da obra. A criação também ressalta a ausência do corpo, evidenciada pelo desbotamento natural do material, que passa de azul vibrante para um tom amarronzado com o tempo, além de não mostrar o rosto do artista, possibilitando a identificação de qualquer pessoa com a arte.

Cho começou a expor a partir de 2022 em pequenas galerias e exposições coletivas da capital, como o Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto, em Santo André; a Grande Exposição de Arte Bunkyo, no bairro da Liberdade, em São Paulo; o Espaço Massapê, na Lateral Galeria e na Diáspora Galeria, também em São Paulo. O trabalho do artista também foi exibido no Ateliê 397, localizado na Pompeia, em São Paulo; no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) – onde realizou a primeira exposição individual –, e no Museu de Arte de Ribeirão Preto (Marp).

Lauani Meira, 2024